XX REDOR
Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

# GÊNERO, SEXUALIDADE E DISCURSOS DE MULHERES SOBRE A PORNOGRAFIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE PESQUISA

Samira Ramalho Ribeiro de Souza; Rita de Cássia CronembergerSobral

*Universidade Federal do Piauí, ramalho.samira@gmail.com; ritadecassiasobral@hotmail.com*

**Resumo**: O presente artigo tem o objetivo de relatar a experiência da pesquisa de mestrado em andamento *Gênero e Sexualidade: discursos de mulheres feministas sobre a pornografia* realizado com a mulheres residentes em Teresina-PI, com idades a partir de 18 anos e que se declararam feministas. Participaram mulheres que se voluntariaram para a pesquisa a partir de anúncios no Facebook publicados pela pesquisadora. Foram utilizados conceitos que transitam por autoras como Butler, Louro e sexualidade a partir de Foucault e outros autores. O conceito de gênero utilizado neste trabalho ajudou a compreender o pensamento dessas mulheres em relação à pornografia, tida como um produto de uso predominantemente masculino. Desta maneira, uma contribuição que a pesquisa pode oferecer é dar vozes às mulheres sobre a sexualidade e fomentar a discussão para o âmbito sociológico, já que o campo da saúde, em geral, domina os debates e produz muitos discursos sobre a sexualidade. Além disso, tenta compreender os feminismos que atravessam o pensamento dessas mulheres e as permite expor suas experiências e sensações a respeito do assunto, além das novas possibilidades de transformação da pornografia e das configurações da sexualidade feminina.

**Palavras-chave**: Gênero; Sexualidade; Pornografia; Mulheres; Feminismo

## INTRODUÇÃO

Este textotem a finalidade de relatar a experiência, em andamento, da pesquisa *Gênero e Sexualidade: discursos de mulheres feministas sobre a pornografia* realizada em Teresina, Piauí. O artigo, em questão, objetiva dividir com demais estudiosos (as) as experiências próprias de uma pesquisa que envolve sexualidade, pornografia, mulheres e gênero. A escolha de um objeto de estudo que trata de pornografia é, bastante delicado, considerando que discutir sexualidade é sempre uma difícil tarefa, embora seja ser uma área de extrema importância para explicar nuances do comportamento em sociedade. Se de um lado temos uma sexualidade reprimida, do outro a pornografia desponta como um dos conteúdos mais acessado na internet. Os discursos das mulheres feministas são também elementos-chave desta pesquisa, tendo em vista que a mulher, na história da pornografia, nunca foi seu público-alvo como protagonista, mas agora, com a expansão da internet, começa a reivindicar o seu espaço enquanto consumidora e tenta encaixar a pornografia

como recurso de melhoria da vivência da sexualidade.

Entre os conceitos escolhidos para nortear o trabalho, estão o de sexualidade, a partir de Michel Foucault (2014) e Jeffrey Weeks (2000, p.29) que arrisca uma definição de sexualidade sendo ela como uma descrição geral para uma série de crenças, comportamentos, relações e identidades socialmente construídas e historicamente moldadas que se relacionam com os prazeres acessados através do corpo. E utilizo Foucault (2014) através da noção de sexualidade enquanto dispositivo histórico, formado por um grande encadeamento da "estimulação dos corpos, intensificação dos prazeres, incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências (...) segundo algumas grandes estratégias de poder". (p. 15)

A discussão de gênero está sustentada a partir de Judith Butler e Guacira Louro, pois, acredito que para a compreensão mais ampla e aprofundada, é necessária uma visão pós-estruturalista, já que para as autoras a ideia de gênero como organização social entre os sexos é bastante simplista e incompleta. Para Louro (2003) não são exatamente as características sexuais que definem como será esta organização social e relacional, mas sim a representação e valorização dessas características. "Aquilo que se diz ou se pensa sobre elas é que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico."(LOURO, 2003, p.22).Compreendo Butler (2015) através da ideia de gênero como uma categoria que também produz identidades nos sujeitos, se constrói dentro das relações de poder, mais especificamente nas restrições normativas, além de regular os seres corporais e construir os corpos discursivamente.

Para compreender a pornografia, utilizamos o diálogo entre autores que tratam do tema. Maria Elvira Díaz Benítez (2009) afirma que são diversas as definições existentes sobre pornografia construídas a partir de diferentes produções discursivas e focos de poder. A pornografia é um fenômeno social e está em constante transformação a respeito dos sentidos e juízos que são produzidos a respeito dela. Já a pornografia, enquanto produto comercial, é problemática por funcionar como uma estratégia de poder que regula os desejos através das imagens que oferece, além de demarcar a marginalidade das práticas e dos corpos – não como corpos exóticos, mas instrumentalizados para receber e expressar o máximo de dor e prazer. Entende-se que não há limites sobre a utilização desses corpos.

Sobre os discursos da pornografia e erotismo, acrescentam-se os conceitos

trazidos por Dominique Maingueneau (2010). Embora as suas reflexões se debrucem sobre o erotismo e pornografia na literatura, a partir do entendimento sobre obscenidade, pornografia é aquilo que mostra o que a sociedade tenta dar a mínima ou nenhuma visibilidade, mesmo que nem toda atividade sexual seja digna de aparecer em um script pornográfico. A partir da relação com o erotismo,a pornografia não dissimula suas intenções agressivas e claras, enquanto o erótico atende de forma mais eficiente certos valores reivindicados socialmente e por isso recebe melhor acolhimento. Além disso, o erótico flerta mais com estetismo, com o elegante e o sugestivo, de forma a seduzir o (a) consumidor (a) "tentado a transformar a sugestão sexual em contemplação das formas puras." (MAINGUENEAU, 2010, p.33). Enquanto a pornografia se difere do erotismo por buscar a saturação dos sentidos e do prazer, buscando o processo completo que vai da excitação até a satisfação. Em um texto pornográfico, o jogo de cenas e falas são normalmente pequenos fios ou trilhas justificam uma cena sexual até a seguinte.

## 1.1 DADOS SOBRE A PORNOGRAFIA

Atualmente alguns dados sobre o consumo de pornografia no Brasil chamam a atenção para o tema. De acordo com uma pesquisa realizada pelo instituto de pesquisa Quantas, encomendada pelo canal Sexy Hot - um canal pornográfico da Globosat - e divulgada pelo portal de notícias G1 em 2018, 22 milhões de pessoas admitem consumir pornografia. Desse número, 76% são homens e 24% mulheres. Ainda de acordo com a pesquisa, o perfil predominante é de pessoas com menos de 35 anos, o que corresponde a 58% do público. Quase metade, 49%, pertence à classe média alta e 40% tem curso superior. Deste número, 69% está em um casamento ou namorando. Em relação às mulheres, a pesquisa apontou que a frequência de consumo em relação aos homens é muito menor, como mostrado anteriormente, e que a principal motivação para que elas vejam pornografia é a busca de inspiração para apimentar a relação. Em geral o uso está relacionado ao casal. Mostrou também perfis de acordo com a preferência; o grupo considerado *pornograficamente correto*, embora represente 17% do público total, é o que registrou a maior incidência de mulheres, representadas em 43% dos que se encaixam neste grupo. Este público deseja "pornografia com filtro e em ambiente seguro. O objetivo é encontrar inspiração para sair da rotina, já que a pornografia é tratada como 'um complemento importante do sexo'. O que seduz aqui são cenas e ângulos de qualidade." (MURARO, 2018. Disponível em: https://g1.globo.com/google/amp/pop-

arte/noticia/22-milhoes-de-brasileiros-assumem-consumir-pornografia-e-76-sao-homens-diz-pesquisa.ghtml . Acesso: 11 nov. 2018)

Apesar dos números atuais mostrarem uma aproximação das mulheres com a pornografia, a ponto de ser considerado um público relevante, o debate entre as mulheres é polêmico, teóricas feministas anti-pornografia sustentam que este produto é prejudicial politicamente para as mulheres, embora existam feministas que defendam a liberdade de expressão e de escolha. Outras já defendem a reescrita da pornografia de forma que inclua os desejos das mulheres e de outras multidões. Inclusive há diretoras produzindo conteúdos exclusivos para mulheres sob o título de *pornografia feminista*. Deste modo, parece importante na compreensão da pornografia, tratar dos discursos das mulheres sobre ela.

Na perspectiva das relações de gênero, a pornografia para Filomena Gregori (2003) pode ser conceituada como expressões gráficas ou audiovisuais de comportamentos sexuais ou genitais com o objetivo de romper tabus morais e sociais. Contudo, ela questiona por que nesta expressão cabe ao feminino ser violado, seja através dos corpos femininos ou da feminização simbólica, designado pelo caráter passivo em oposição, mas ao mesmo tempo complementar, ao caráter ativo. O fato é que a pornografia, em especial, o lugar do feminino nesta pornografia, está no centro do debate entre feministas de diversas correntes.

A pesquisa pretende trazer contribuições à pornografia como um tema que possui importância junto às discussões de gênero e feminismos e por investir em uma oportunidade de pesquisa que procura dar visibilidade a discursos de mulheres sobre a sua própria sexualidade. Teoricamente a pornografia rende discussões valiosas a respeito dos limites entre o pornográfico e o erótico, sexualidades, gênero e relações de poder, corpo, consumo e mídia.

As pesquisas sociais sobre sexualidade podem ser especialmente marcadas pelo tabu – era o que se pensava. Para as mulheres, ainda, ela se torna especialmente desafiante, pois de acordo com Louro (2008), as pessoas aprendem a viver o gênero e a sexualidade de maneira cultural, atravessados por discursos reproduzidos na mídia, nas igrejas, ciência, leis e outras instituições, como os movimentos sociais e dispositivos tecnológicos. As diferentes formas de amar, obter e dar prazer que se instalam são diferentes de acordo com a cultura, tempo e geração. “E hoje, mais do que nunca, essas formas são múltiplas. As possibilidades de viver os gêneros e as sexualidades ampliaram-se.” (LOURO,2008, p. 22 – 23)

Desta maneira, a problemática em estudo é entender como são construídos os

discursos sobre a pornografia, como o gênero permeia esses discursos. Este problema surgiu a partir das leituras feministas sobre a pornografia, sendo que os estudos feministas sobre o tema costumam ser polarizados entre os que são favoráveis e os contrários à pornografia e mesmo estes estudos não oferecem espaço para que as mulheres possam demarcar suas opiniões, pois, muitas mulheres não estão habituadas a falarem sobre alguns aspectos da sua sexualidade ou até mesmo elaborarem certas reflexões sobre elas.

## 2METODOLOGIA

No estudo *Gênero e Sexualidade: discursos de mulheres feministas sobre a pornografia* interessam *os* sentidos, os significados, por isso quanto à abordagem,optou-se pela pesquisa predominantemente qualitativa, onde foram realizadas entrevistas presenciais semi-estruturadas com mulheres feministas cisgêneros, residentes em Teresina, com idades a partir de 18 anos. Foram entrevistadas seis mulheres. As análises que estão sendo realizadas, foram feitas a partir da abordagem teórico-metodológica da Análise de Discurso, nos temos de Spink (2000), já que a pesquisa se interessa por uma análise das camadas que compõem as falas dessas mulheres, tendo como principal categoria de análise o gênero. As entrevistas tiveram o áudio gravado e foram transcritas. Para auxiliar nas análises foram criadas subcategorias relacionadas aos objetivos de pesquisa.

## 3DISCUSSÃO

A pesquisa tem como foco a análise dos discursos das mulheres feministas sobre a pornografia, consumidoras ou não desse tipo de conteúdo. Interessa saber os motivos paraconsumirem, gostarem ou não de pornografia, além de compreender o que pensam por pornografia e erotismo. O objetivo é entender se há conexões dessas categorias nos discursos das mulheres permeados pelo gênero.

### 3.1 POR QUE FAZER ESTA PESQUISA COM MULHERES?

Karen Ciclitira (2004) afirma que muito da pornografia entrou na cultura midiática tradicional infiltrada na publicidade, cinema, televisão, música e internet. Isso expandiu o alcance e os veículos da pornografia que não ficaram mais restritos aos vídeos de sexo explícito, mas continuam sendo orientados para os homens de maneira misógina.

Contudo, essa pornificação da cultura midiática também contribuiu para a diversificação de discursos sexuais.

Dentro desta diversificação, embora esta tradição pornográfica ainda se dirija aos homens, pode ser considerar que as mulheres atualmente não estão mais excluídas da pornografia como público. Importante marcar que mulheres sempre estiveram presentes na pornografia, mas como personagens. No entanto, juntar-se à pornografia como consumidoras ou produtoras é uma novidade na vida das mulheres.

De acordo com Wolf (1992), até a década de 1960 a pornografia era praticamente uma experiência masculina e oficialmente o contato das mulheres com esta pornografia era restrito à visão das capas de revistas masculinas nas bancas. Contudo, em meados da década de 1970, o que ela chama de pornografia da beleza adentrou a zona cultural feminina. Ao passo em que as mulheres adquiriam mais liberdade sexual com o uso dos anticoncepcionais, esta pornografia também as acompanhou.

No dias atuais, a televisão fechada também aderiu a esta aproximação das mulheres com a pornografia. Nízia Villaça (2006) menciona o exemplo do canal Sexy Hot, e que virou um *cult* . A equipe deste canal é dominada por mulheres que utilizam filtros de gênero para definir a programação e alcançar o gosto das mulheres. No mesmo canal há um programa voltado para mulheres que evita usar determinados termos considerados ofensivos popularmente, como cachorra, puta etc.

Nos últimos dez anos, o mercado de filmes e vídeos pornográficos voltados para mulheres se desenvolveu para atender a este público desprivilegiado pela pornografia hegemônica e pronto para receber atenção. Diretoras de cinema, atrizes, educadoras sexuais e outras profissionais do sexo enveredaram para o recém-inaugurado mercado da pornografia feminista na internet. A sueca Erika Lust é uma das diretoras que representam este mercado e que se considera feminista. Para ela, a pornografia tradicional não representa o desejo feminino e sempre procura retratar o que ela, como mulher, e as mulheres ao redor dela consideram excitante.

Os filmes geralmente são comercializados e disponibilizados na internet, mas esta presença dos conteúdos explícitos para mulheres na internet não diz respeito apenas ao desenvolvimento da *rede* nos tempos atuais, mas à internet como uma importante ferramenta liberdade e privacidade para que as mulheres consumissem pornografia no anonimato e que permitiu a expansão de novos negócios no setor,

incluindo as produtoras de pornografias alternativas, como a feminista e a *queer*.

## 3.2 A EXPERIÊNCIA DA PESQUISA

Os primeiros desafios foram de adequar o projeto e encontrar, enfim, o objeto. Inicialmente pensávamos em estudar os discursos dos homens consumidores, mas de alguma forma isso não satisfazia novos anseios. Então surgiu a ideia de pesquisar junto às mulheres. O projeto foi submetido ao comitê de ética da Universidade Federal do Piauí no final de 2017, para que a pesquisa fosse realizada com segurança, tanto para nós, quanto para as participantes.

A segunda etapa foi a de entrevistas presenciais. As participantes foram selecionadas a partir de um anúncio em página pessoal no Facebook, aberta para todas as pessoas verem. Nele, foi feita uma breve descrição do que era a pesquisa e um chamamento para mulheres com idade a partir de 18 anos, que se considerassem feministas e residentes em Teresina. As que se interessassem pela pesquisa deveriam entrar em contato via mensagem privada no Facebook ou WhatsApp. Foram selecionadas as primeiras mulheres que entraram em contato e que cumpriam os requisitos. Algumas que fizeram comentários na postagem ficaram como reservas no caso de haver alguma desistência. Logo foi necessário recorrer a duas dessas.

É importante ressaltar a disponibilidade dessas mulheres de idades, profissõese religiões variadas, terem aceitado participar da entrevista. Ao contrário do imaginado, a seleção das entrevistas foi simples e rápida, sendo que em dois dias todas já haviam confirmado. Essa disponibilidade pode estar relacionada tanto ao caráter feminista da pesquisa, como também ao fato de existirem poucas oportunidades de pesquisa com este direcionamento em Teresina. Também pode-se acrescentar a isso o reconhecimento de que o feminismo tem a proposta de renovar a relação entre a teoria e a prática, de acordo com Margareth Rago (1998). No nosso entendimento, a partir de Rago (1998), ao contrário do que se defendia com antigas epistemologias (como o afastamento do cientista de seu objeto de estudo, a sua pretensa imparcialidade, neutralidade e objetividades), uma forma feminista de se fazer ciência pede a urgência do envolvimento do sujeito com o objeto e o (a) pesquisador (a) e inaugura uma nova ideia a respeito da produção do conhecimento. “Um processo de conhecimentoconstruído por indivíduos em

interação, em diálogo crítico [...].”(RAGO, 1998, p.11)

As entrevistas foram realizadas entre fevereiro e março com seis participantes. A princípio seriam oito, mas percebemos que com o volume e qualidade de material produzido, alcançamos um ponto de saturação e tranquilamente satisfazia à pesquisa. Os encontros ocorreram em locais diversos sugeridos pelas participantes e em datas e horários acordados entre as partes. Duas ocorreram nos escritórios de trabalho das participantes, a outra em um café local, a outra na praça de alimentação de um shopping center, na casa de uma participante e na minha casa. Sugeri que elas escolhessem um local onde elas se sentissem mais à vontade e não produzisse transtornos logísticos para nenhuma das partes. Assim aconteceu.

As entrevistas eram semi-estruturadas e a fala de cada participante suscitou questionamentos diferentes. Todas as entrevistas foram gravadas em celular smartphone. Algumas participantes demonstraram um pouco de receio em falar ao gravador, mas logo ficaram à vontade e a entrevista fluiu. Foi seguido um roteiro e aparentemente a maioria não teve dificuldades para responder ao que era solicitado. Em algumas situações que permitiam, como cafés, casa e shopping, foi oferecido algum alimento à participantes.

O perfil básico das mulheres participantes foram idades de 31 a 47 anos, todas com ensino superior completo. Somente três casadas e as demais solteiras, namorando ou não.

Durante a entrevista, foram tomados cuidados para mostrar atenção e respeito ao que elas diziam, embora houvesse a preocupação também com a qualidade do áudio, o esforço pela discrição, quanto ao ajuste do celular que captava os sons. Foi necessária empatia e cuidado para ouvir alguns depoimentos dolorosos, mas foi mantido o esforço para não interferir demais e potencializar gatilhos ou embaraços das participantes. Com toda a atenção voltada ao que elas falavam, também foram produzidas algumas pequenas notas analíticas durante a entrevista, de forma que isso pudesse auxiliar no momento das transcrições e análises.

Concluída a etapa de entrevistas, algum tempo depois foram realizadas as transcrições pela própria pesquisadora. Como foi escolhida a Análise de Discurso, foi feito o esforço para manter até mesmo muitos vícios, cacoetes fonéticos etc, mas a primeira transcrição já foi realizada com as pontuações devidas. Por último foi feita a escuta e revisão do material para provar a fidedignidade.

Depois foi a vez de realizar a leitura de imersão nos sentidos e as primeiras seleções das informações de interesse. As categorias

foram dispostas de acordo com os objetivos específicos. Assim foram montadas tabelas com as falas de acordo com o que era considerado referente a cada categoria. Em seguida, o material passou pornova triagem para retirar o que de fato não correspondia à categoria e realocando o que se identificava com outra. Foi então construída uma espécie de mapa de associação de ideias, inspirado no que descreve Spink e Lima (2013).

A partir daí foi iniciada a primeira leitura analítica a partir da Análise do Discurso construtivista. Dela foi feito o primeiro mapeamento temático, o que trouxe uma quantidade grande de temas, mas só foi selecionado o que correspondia aos objetivos. Esta etapa foi bastante demorada. As entrevistas foram triadas muitas vezes até chegar à análise final. Em uma segunda leitura analítica, foram feitas anotações sobre as impressões a respeito das falas e o que elas poderiam indicar, para em seguida começar a articulação das falas, do contexto e da teoria.

Houve um momento em que estava com as análises quase finalizadas quando uma participante (que havia contribuído ricamente) disse que não queria mais que suas falas estivessem na pesquisa. Foi conversado e reafirmado o compromisso com preservação da identidade e o esforço para ser respeitosa no tratamento das entrevistas. Apesar da frustração e da preocupação sobre como ajustar esta análise, ela forneceu uma justificativa que também poderia ser útil para o estudo e, de todas as formas, imperaria a vontade da participante. Ela contou que estava passando por vários problemas pessoais e que as coisas que ela havia dito na entrevista não faziam mais sentido naquele momento e mesmo sabendo da confidencialidade, já era suficientemente complicado apenas ela e as pesquisadoras saberem o que ela disse. Indagada se a decisão tinha alguma relação com a religião, ela disse que este era um dos problemas. A participante já pertencia a uma religião evangélica na época da entrevista. A religião aparece fortemente em alguns discursos desta participante, assim como questões emocionais delicadas. A participante acabou voltando atrás, já que se deu conta que a análise estava finalizada e o trabalho bem avançado. Preferiu deixar como estava. Neste aspecto considera-se que o acontecido, de uma forma ou de outra, foi rico para este trabalho, ao mostrar a insegurança e os empecilhos das mulheres quando o assunto é sexualidade e pornografia, sobretudo se for tratada de forma honesta, como era a intenção.

## RESULTADOS

Os resultados encontrados, até o momento, apontam questões interessantes e

que merecem reflexões. A vivência da sexualidade para as mulheres ainda está sujeita a muitas limitações que elas acreditam ter e a limitações reais, como a constante comparação com os homens, a preocupação com a própria imagem, além da preocupação em cultivar bons afetos e bons relacionamentos, ainda que sem compromisso. Para as que se relacionam com homens, a vivência também está ligada à questão de manter os sentimentos, buscar pessoas de confiança, já que lidar com as supostas intenções dos homens parece um problema, além das limitações das práticas sexuais desses mesmos homens, e com falhas emocionais deles indicadas por elas. Foram também relacionados discursos que criticam muito o machismo que quase sempre atravessa a vivência da sexualidade, que atrapalha a qualidade da experiência sexual delas e o curso da vida, em geral. A liberdade de viver os desejos – sem machucar ninguém - também foi muito reivindicada.

Sobre a pornografia, percebeu-se que a pornografia faz parte da vida delas de forma cada vez mais intensa e mesmo sendo feminista, a *pornografia feminista* ainda não é constante no rol de pornografia que elas consomem, algumas ainda não a conheciam. Notou-se também um discurso forte de todas sobre considerar a pornografia hegemônica como objetificadora e violenta para as mulheres que ali aparecem. Elas reivindicam mudanças, já que veem pouco seus desejos sendo realizados ali. Mas também se nota a ambiguidade e contraditoriedade de consumirem e sentirem prazer vendo esses mesmos conteúdos que denunciam. Também admitem que a pornografia esteja presente, mas de forma funcional ao inspirar a vida sexual a dois e fornecer mais repertórios de práticas, para relaxar depois de um dia cansativo e compensar a ausência do parceiro em um dia de muito desejo sexual, por exemplo. Sobre o erotismo, é evidente também a confusão a respeito do conceito de erótico e pornográfico, mas no geral o erótico é associado àquilo que é mais suave, mais excitante, mais apropriado, menos culpabilizador do que ver a pornografia. Além disto, o erotismo parece ser um conceito mais expansivo do que a pornografia, para elas, embora normalmente não demarquem diferenças significativas sobre um e outro. Assim, o pornográfico e o erótico servem para produzir excitação e que, embora assumam o gosto por pornografia, parecem mais inclinadas ao erótico, justamente por ele pouco suscitar sentimentos conflitantes. Não há muitas diferenças entre o erótico e pornográfico para elas também porque o conteúdo pode até ter sexo explícito, mas o valor está naquilo que é esteticamente e discursivamente bem cuidado, onde há outros

propósitos além de mostrar o intercurso sexual. Isso é o erótico, em termos de conteúdo. O erótico também é um conceito mais útil para elas porque também está relacionado ao que lhes desperta o desejo sexual. Podem ser performances, roupas, práticas, partes de corpo, atitudes, palavras entre outros. Ou seja, está ligado ao que as impulsiona, ao que consideram belo e elegante e sua preferência também pode ser entendida como relativa ao gênero e porque historicamente as mulheres foram impedidas de adquirir materiais pornográficos, estando destinado a elas apenas as literaturas e filmes românticos, assim como apreciar as formas insinuantes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa vem mostrando que embora a pornografia não faça parte do mundo das mulheres com a mesma intensidade e naturalidade que faz da dos homens, de acordo com estudos que tratam do tema, ao responderem a pesquisa, sentiu-se que havia uma necessidade de romperem barreiras e falarem o que pensam, além de buscarem um canal que pudesse expressar e legitimar suas falas. Gostando ou não de pornografia, o próprio fato de se disponibilizarem representa um dado importante, pois, a pornografia ainda é um assunto interditado, no qual não se costuma entrar em detalhes. Entretanto, algumas destas mulheres, durante seus processos de transformação das vidas sexuais, fazem questão de compartilhar suas experiências com a pornografia com amigas e fazerem indicações daquilo que elas acham que atendem melhor aos anseios femininos. O avanço da internet também permite que a experiência seja mais consistente, variada e privativa, longe de olhares reguladores.

Também é importante considerar, neste contexto, as motivações e as implicações de uma pesquisa feminista sobre gênero, sexualidade e pornografia com as mulheres feministas. Algumas questões ficaram mais claras para após a redação deste relato, como a ingenuidade ao iniciar uma pesquisa. Nota-se com esta situação que a pesquisa não é exatamente um espaço que dá vozes apenas a essas mulheres, mas dá voz também a pesquisadoras, e responde à problematização de mulheres enquanto pesquisadoras, de mulheres feministas e consumidoras ou não de pornografia. E que uma pesquisa feminista sobre sexualidade requer uma sensibilidade, cuidado e ética ainda mais apurados. Também com isso percebe-se o quanto estamos dependentes das participantes e como uma decisão contrária pode representar um grande desafio para a pesquisa,que se mostram ainda mais

instigantes por estarem inseridos em uma pesquisa feminista sobre sexualidade, que suscita medo, curiosidade, reflexões e (porque não?) desejos.

## REFERÊNCIAS


1. BUTLER , Judith. **Corpos que importam**. Tradução: Magda Guadalupe dos Santos e Sérgio Murilo Rodrigues. Belo Horizonte: **SapereAude**, v.6 – n.11, p.12-16 – 1º sem. 2015.

2. CICLITIRA, Karen. Pornography, Women and Feminism: Between Pleasure and Politics. In **Sexualities**. Londres, V7(3), p.281–301, 2004. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/249719843_Pornography_Women_and_Feminism_Between_Pleasure_and_Politics. Acesso: 17 out. 2017.

3. DÍAZ BENÍTEZ, Maria Elvira. **Nas redes do sexo: Bastidores e cenários do pornô brasileiro**. Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional/PPGAS, 2009. xi.

4. FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: **a vontade de saber**. 1 ed. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A Guilhon Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

5. GREGORI, Maria Filomena. **Relações de violência e erotismo.** *Cad. Pagu*[online]. 2003, n.20, pp.87-120.

6. LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias do corpo. In:_____ **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000. P.07-34.

7. _____**Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas**. *Pro-Posições*, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago, 2008.

8. LUST , Erika. **Cineasta de pornô para mulheres foge de orgasmos fingidos**.Entrevista concedida aDanielle Barg. In Terra. São Paulo: Terra, 2014.Disponivel em:http://mulher.terra.com.br/vida-adois/cineasta-de-porno-para-mulheresfoge-de-orgasmosfingidos,3dd33a3c7a568410VgnVCM2000 0099cceb0aRCRD.html. Acesso: 24 deabril de 2016.

9. MAINGUENEAU, Dominique. **O discurso pornográfico**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola , 2010. p. 135

10. MURARO, Cauê. **22 milhões de brasileiros assumem consumir pornografia e 76% são homens, diz pesquisa**. São Paulo, G1. Disponível em: https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/22-milhoes-de-brasileiros-assumem-consumir-pornografia-e-76-sao-homens-diz-pesquisa.ghtmlAcesso: 11.nov. 2018

11. SPINK, Mary Jane P.;LIMA,Helena. Rigor e Visibilidade: a explicitação dos passos da interpretação. In: SPINK, Mary Jane P.**Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano.** São Paulo: Cortez Editora, 2000.

12. VILLAÇA, Nízia. **Erotismo é isso,pornografia é aquilo? Os objetos e práticas pornográficas, ligados a mecanismos de perversão, certamente, não eram, novos ou inéditos, o que evoluiu foi a visibilidade, a publicidade**

**e uma certa banalização dessas práticas**. *Z Cultural*, Rio de Janeiro, v.1, 2006.

13. WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000.p. 35-82

14. WOLF, Naomi. **O Mito da Beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992. 200 p.